

Éticas

Colette Soler

Nós dizemos “A ética psicanalítica e as outras” porque **“a ética é relativa ao discurso”**¹, portanto, há várias, de acordo com o que ordena os laços sociais. Seguindo os quatro que Lacan distinguiu, haverá o do mestre, o da histérica e o do universitário. Aos quais é preciso acrescentar aqueles dos laços do tempo, o nosso, quando o objeto da psicanálise, o objeto *a* de Lacan, está agora “no zênite social” eclipsando o significante mestre, em benefício dos laços mediados unicamente pelo objeto. Laços que são individualmente eletivos, opcionais e, portanto, tão precários quanto os apetites de cada um, o que não os impede de, eventualmente, serem adotados em massa, desde que o mesmo objeto se torne um fator comum para muitos.

A ética psicanalítica é a ética que, detectada ou não, orienta o ato psicanalítico no cotidiano das análises, quando há psicanálise. O que ela tem em comum com a ética de nosso tempo é o fato de ser **opcional**, de não ser para todos, de exigir um desejo específico e novo, o desejo dito por Lacan... de analista. Este desejo não é menos indizíveis do que qualquer outro, mas é um desejo de exceção, cujo conceito ainda não foi definido, porque, ao contrário do que vetoriza cada desejo individual, ele não é carregado nem pela cadeia significante de um eu, nem pelo objeto que ele engaja, e, no entanto, é ele que provoca o desejo analisante. Essa **ética do desejo**, que contraria os imperativos da voz ruidosa do superego, e cujo caminho - “avenida”, segundo o termo de Lacan - segue o da demanda, Lacan a descreve em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” como uma ética “do silêncio”², uma ética “convertida em silêncio” pelo fato de que o desejo, “incompatível com a fala”, é indizível.

A ética do ato, ou seja, do que opera, vem daí. Ela pressupõe esse desejo e esse silêncio, mas não é orientada por eles, pois somente “a demanda de interpretar”³ pode dizer seu objeto. O analista opera ao não pensar, e o que não pensa é o objeto *a* na medida em que “se sustente pela lógica pura”⁴ - a dos quantificadores. Como resultado, **“na ética que se inaugura pelo ato**, nova, sendo assim, (...) **a lógica manda**⁵.

¹ Lacan, J. (1974) *Televisão*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2003, p. 539

² Lacan, J. (1960) Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 691.

³ Lacan, J. (1973) *Posfácio ao Seminário 11*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2003, p. 505.

⁴ Lacan, J. (1968-1969) Resumo do Ato Analítico 1967-1968. In: *Outros escritos*, p 373.

⁵ *Ibid.* p. 376.

Sem normas, portanto, a ética do ato, pois se é a lógica que comanda, as normas são rejeitadas, sejam elas edípicas ou sexuais, e é imposta uma prática que é “sem valor” e, por consequência, estrangeira a qualquer axiologia. Concordamos que esse é um ponto essencial para todos aqueles que estão interessados no significado político da psicanálise e em seu papel em relação às várias ideologias de nosso tempo, quer as chamemos de progressistas ou reacionárias, uma vez que todas elas são normativas. Então, o que a lógica comanda? Nada que tenhamos que escolher; ela dobra a prática ao real da linguagem, para suas impossibilidades e necessidades.

Não sem o desejo de saber, contudo, a ética do ato. Não disse Lacan, referindo-se à alcova sadiana e às Escolas de filosofia antiga, que se “prepara (va) a ciência **retificando a posição da ética**”⁶? Isso é confirmado pelos poucos defensores do gaio saber que, segundo “A carta aos italianos”, estavam na origem da psicanálise.

E se quiséssemos reconhecer nesses mandamentos da lógica uma ética “que tem as mãos limpas porque não tem mãos”, como foi denunciado por outro, teríamos que ver aonde ela leva aquele ou aquela que entra em seu campo de ação. A lógica preside **a direção de toda análise**, não importa onde ou em que idioma seja, por causa do real da linguagem do qual se serve, isto é:

- Além do meio-dizer da verdade e da repetição, ambos necessários;
- No ponto em que o sujeito suposto saber na transferência desiste é a “falha”, diz Lacan, seja no tropeço sobre o impossível em que “toda estratégia vacila”, em que há um buraco no cálculo possível;
- É aí, no entanto, que cada um “tem sua **oportunidade de insurreição**”⁷, longe de ser aprisionado por essa estrutura, com a questão de saber o que se impõe ao um por um na qual a regência do Outro cessa. Certamente nenhum fim padrão, e seguramente nenhuma compacidade ideológica, mas sim a opção singular e libertadora de um desejo único, e/ou a fixação de um sintoma, uma escolha de gozo, ou um dizer *sinthoma* singular... “A obscura decisão do ser” em ato. Em todo caso, nada que constitua uma massa.

Tantos pontos sobre os quais um *aggiornamento* seria bastante útil.

1ro de janeiro de 2025.

⁶ Lacan, J. (1962) Kant com Sade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 776.

⁷ Lacan, J. (1970) Radiofonia, Resposta à questão II. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 406.